

VOL V

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL V

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadores	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal



Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol V / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-70-5

DOI: 10.37572/EdArt_151222705

1. Ciências humanas. 2. Sociologia. 3. Desenvolvimento humano.
4. Professores – Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

*“No nos interesa solamente cómo hacer que alguien aprenda.
Nos interesa también entender cómo tendría
que construirse el conocimiento si el fin es su aprendizaje.”*

Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza

Fundó un campo de investigación sobre los procesos de construcción social del conocimiento matemático avanzado, acuñado como Teoría Socioepistemológica de la Matemática Educativa
Distrito Federal, México, 25 de agosto de 1958 - Distrito Federal, México, 30 de diciembre de 2021.

Una vez más tenemos la oportunidad de acompañar a los autores, participantes de esta publicación del Editorial Artemis. Esta vez, en su quinto volumen de la obra titulada **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade.**

En ella se muestra la gran preocupación por la búsqueda de nuevas formas de alcanzar el conocimiento de diversas ciencias y áreas disciplinares, mediante la democratización de saberes, que se pueden obtener en diversos escenarios, respetando aspectos sociales, culturales e históricos. Estos se implementan ante problemáticas de género, ambiente, religión e histórico, proponiendo entre los recursos, la organización de exposiciones en el aula, desde lo tradicional a las de tipo colaborativa, re-pensando la educación infantil a través de prácticas, que desarrollen la imaginación, creatividad, competencias, experiencias emocionales y alentadoras. Tanto los niveles, desde la educación infantil, hasta el ingreso universitario, son de interés en los re-planteos de la nueva educación, como así también, el rigor, tanto en ciencias duras como matemática, pasando a la ingeniería, y contaduría, como la participación de la mujer en diversos tipos de educación, y de la comunidad en general, apuntando a un conocimiento contra-hegemónico, poscolonial, indígena, arqueológico y antropológico social, que llevan a un todo, a lo que podemos llamar la **sociedad del conocimiento**.

Es por ello, que debemos valorar las expectativas de los autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

“Não estamos interessados apenas em como fazer alguém aprender.
Também estamos interessados em entender como
para construir conhecimento se o fim é o seu aprendizado.”
Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza

Fundou um campo de pesquisa sobre os processos de construção social do conhecimento matemático avançado,
cunhado como Teoria Socioepistemológica da Matemática Educacional.
Distrito Federal, México, 25 de agosto de 1958 - Distrito Federal, México, 30 de dezembro de 2021.

Mais uma vez temos a oportunidade de acompanhar os autores, participantes desta publicação da Editora Artemis. Desta vez, no quinto volume da obra intitulada **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade.**

Mostra a grande preocupação com a busca de novas formas de alcançar o conhecimento das diversas ciências e áreas disciplinares, por meio da democratização do conhecimento, que pode ser obtido em diversos cenários, respeitando aspectos sociais, culturais e históricos. Estes são implementados diante de problemas de gênero, meio ambiente, religião e história, propondo entre os recursos, a organização de exposições em sala de aula, do tipo tradicional ao colaborativo, repensando a educação infantil por meio de práticas que desenvolvem a imaginação, criatividade, competências, experiências emocionais e encorajadoras. Ambos os níveis, desde a educação infantil, até o ingresso na universidade, interessam no repensar da nova educação, assim como o rigor, tanto em ciências exatas e matemática, passando para engenharia, e contabilidade, quanto a participação de mulheres em vários tipos de educação, e da comunidade em geral, apontando para um conhecimento contra-hegemônico, pós-colonial, indígena, arqueológico e socioantropológico, que conduzem a um todo, ao que podemos chamar de sociedade do conhecimento.

Por isso, devemos valorizar as expectativas de autores e pesquisadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenhar na causa da divulgação dos resultados de seus trabalhos científicos.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EXPERIENCIAS LABORALES EN EDUCACIÓN INDÍGENA: EL GRUPO FOCAL COMO ESTRATEGIA PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL ESPACIO BIOGRÁFICO

Aidé Teresita Ávila Ayala

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227051

CAPÍTULO 2..... 13

A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS POR INDÍGENAS NA ACADEMIA: TRAVESSIAS DE UM ENCONTRO COM A PÓS-COLONIALIDADE

Priscila da Silva Nascimento

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227052

CAPÍTULO 3..... 18

'UNA CRISIS MUNDIAL DESDE ABAJO'

Tomás Diez Acosta

Håkan Karlsson

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227053

CAPÍTULO 4..... 30

ANÁLISIS SOCIOEPISTEMOLÓGICO DE UN MODELO MATEMÁTICO

Gustavo Adolfo Juarez

Silvia Inés del Valle Navarro

Cecilia Rita Crespo Crespo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227054

CAPÍTULO 5..... 37

IMPLEMENTACIÓN DE UN DISPOSITIVO DIDÁCTICO REI PARA UN AULA DE MATEMÁTICA INCLUSIVA

Carmen Cecilia Espinoza Melo

Maite Otondo Briceño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227055

CAPÍTULO 6..... 48

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA REDUNDÂNCIA NECESSÁRIA?

Sandoval Antunes de Souza
Teresa Margarida Loureiro Cardoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227056

CAPÍTULO 7 60

MAGIS 21st: SER MÁS, PARA SERVIR MEJOR

Claudia Marcela Sierra Montes
Carlos Andrés Peñas Velandia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227057

CAPÍTULO 8.....71

ENSINO E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A CONSTITUIÇÃO DA AUTONOMIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edson de Sousa Brito
Nayara Alves Silva Mendes Vilela de Sousa Brito
Lucinéia Silva Sousa Sacramento

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227058

CAPÍTULO 9..... 81

MNEMOSPHERE RESEARCH PROJECT: AN INTERDISCIPLINARY EXPLORATION INTO PLACES, MEMORY, EMOTIONS AND SPATIAL ATMOSPHERE

Clorinda Sissi Galasso
Marta Elisa Cecchi

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227059

CAPÍTULO 10..... 94

PROYECTO DE FORMACION: MÓDULO DE CONVIVENCIA POR COMPETENCIAS, EN EL MARCO DEL MODELO PARA EDUCACIÓN POSTCONFLICTO DEL PAÍS

Jesús María Martínez Zúñiga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270510

CAPÍTULO 11.....107

PLANEACIÓN PROSPECTIVA, UNA NECESIDAD DEL SUJETO PEDAGÓGICO EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO

Rocío Rodríguez Rico
Yasunari Cristobal Muñoz
Germán Ortiz Martínez
Karen Rocío Herrera Rodríguez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270511

CAPÍTULO 12 115

“EL OÍDO SE RECREARÁ CON LAS SUAVÍSIMAS MÚSICAS DE AQUELLAS CAPILLAS ANGÉLICAS”: NÚÑEZ DE MIRANDA, SOR JUANA Y EL PENSAMIENTO MUSICAL

Luis Díaz-Santana Garza
Sonia Medrano Ruiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270512

CAPÍTULO 13128

LITERACIA VISUAL EM PORTUGAL: PERCURSO PARA UMA CONSCIÊNCIA ESTÉTICA ECO-NECESSÁRIA E A CRIAÇÃO VISUAL DE TODOS-EM-CIDADANIA

Elisabete da Silva Oliveira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270513

CAPÍTULO 14.....142

SIMULAÇÃO CLÍNICA EM ENFERMAGEM: INOVAR PARA MELHORES CUIDADOS À COMUNIDADE

Gregório Magno de Vasconcelos de Freitas
Norberto Maciel Ribeiro
Liliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis
Fernando Luís de Sousa Correia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270514

CAPÍTULO 15154

A MENSAGEM QUE VEM DA FLORESTA: UM BREVE LEVANTAMENTO DOS SABERES DA AYAHUASCA

Miguel Firmeza Bezerra
Juliana Abonizio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270515

CAPÍTULO 16..... 161

LA REFORMA EDUCATIVA EN LA UNIVERSIDAD VERACRUZANA A TRAVÉS DEL MODELO EDUCATIVO INTEGRAL Y FLEXIBLE

María Eugenia Senties Santos

Haydee Zizumbo Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270516

CAPÍTULO 17 172

DETECCIÓN DE DEFICIENCIAS ACADÉMICAS DE LOS ASPIRANTES EN 2018 A LAS CARRERAS DE INGENIERÍA DEL TECNOLÓGICO NACIONAL DE MÉXICO CAMPUS CANCÚN

Francisco José Arroyo Rodríguez

Jorge Alberto Cano Tur

Marco Arroyo Terrazas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270517

CAPÍTULO 18..... 184

SCIENCE AND SCIENTISTS: MAIN SOURCES OF INFLUENCE IN THE CONSTRUCTION OF THESE CONCEPTS AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Silvia Domínguez Gutiérrez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270518

CAPÍTULO 19..... 197

ENTRE O COTIDIANO DA “CASA” E DA PROFISSÃO DOCENTE: VIVÊNCIAS DE MULHERES PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Neiva Furlin

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270519

CAPÍTULO 20..... 216

CONJUGALIDADE E PERTURBAÇÕES PSICOSSOCIAIS EM PERSONAGENS FEMININAS DE FRANÇOIS MAURIAC E ANNIE ERNAUX

Rosário Neto Mariano

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270520

CAPÍTULO 21228

GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL: OS DESAFIOS DO FEMINISMO NO BRASIL E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Marina Milhassi Vedovato

Maria Sylvia de Souza Vitale

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270521

CAPÍTULO 22236

ANTÔNIO CONSELHEIRO E JOÃO ABADE: A TEORIA DO ESTADO E CANUDOS

Rodrigo Guimarães Motta

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270522

CAPÍTULO 23249

IMAGENS DA *VIA CRUCIS*: CENÁRIOS DE RITUALIZAÇÃO, SACRALIZAÇÃO E DEVOÇÃO, NO NORTE E CENTRO DE PORTUGAL

Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Sofia Nunes Vechina

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270523

CAPÍTULO 24 275

LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y SU RELACIÓN CON SU COMUNIDAD DE INTERES

Fernando Martínez Vallvey

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270524

CAPÍTULO 25285

PROMOCIÓN Y PUBLICIDAD EN LA OFERTA DE RECREACIÓN Y ENTRETENIMIENTO DE LOS CASINOS ESTABLECIDOS EN MEXICALI, BAJA CALIFORNIA, MÉXICO

Margarita Barajas Tinoco

Aketzalli Aguilar Aguilera

Lucía Estrada Ornelas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270525

CAPÍTULO 26 301

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: PERSPECTIVAS ÉTICAS ACERCA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Rachel Souza Martins

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270526

CAPÍTULO 27 313

ELEMENTOS PARA UM ESTUDO MULTIESPÉCIES EM INTERFACE COM A EDUCAÇÃO NO ANTROPOCENO: PRÁTICA E EXPERIÊNCIA NO MELIPONÁRIO CANTINHO DO CÉU, GUARAMIRANGA - CE

George Arruda de Albuquerque

Alcides Fernando Gussi

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270527

SOBRE OS ORGANIZADORES 333

ÍNDICE REMISSIVO 335

CAPÍTULO 12

“EL OÍDO SE RECREARÁ CON LAS SUAVISÍMAS MÚSICAS DE AQUELLAS CAPILLAS ANGÉLICAS”: NÚÑEZ DE MIRANDA, SOR JUANA Y EL PENSAMIENTO MUSICAL

Data de submissão: 12/11/2022

Data de aceite: 25/11/2022

Luis Díaz-Santana Garza

Universidad Autónoma de Zacatecas
México

<https://orcid.org/0000-0002-0435-2121>

Sonia Medrano Ruiz

Universidad Autónoma de Zacatecas
México

<https://orcid.org/0000-0002-5092-8646>

RESUMEN: A pesar de que durante décadas algunos investigadores lo han tratado de desacreditar, el jesuita Antonio Núñez de Miranda fue una de las personalidades más influyentes en el México del siglo XVII, y en sus escritos dedicó algunos juicios sobre la importancia y la función de la música en el rito y en la vida celestial. En este capítulo ofrecemos un panorama del paisaje sonoro que se desarrolló durante la vida del religioso, y analizamos algunas de sus ideas en torno al arte de Euterpe, así como las coincidencias y diferencias que tuvo con la religiosa y escritora Sor Juana Inés de la Cruz en cuanto al tema.

PALABRAS CLAVE: Sor Juana Inés de la Cruz. Historia de la música. Estudios Novohispanos. Estudios culturales. Arte mexicano. Virreinato.

“THE EAR WILL BE DELIGHTED WITH THE SOFT MUSIC OF THOSE ANGELIC CHAPELS”: NÚÑEZ DE MIRANDA, SOR JUANA AND MUSICAL THOUGHT

ABSTRACT: Despite the fact that he has wanted to be discredited, the Jesuit Antonio Núñez de Miranda was one of the most influential personalities in 17th century Mexico, and in his writings, he dedicated some opinions on the importance and function of music in the ecclesiastical rite and in eternal life. In this chapter we offer an overview of the sound landscape that developed during the religious' life, and we analyze some of his ideas regarding the art of Euterpe, as well as the coincidences and differences he had with Sor Juana Inés de la Cruz in terms of the same topic.

KEYWORDS: Sor Juana Inés de la Cruz. Music history. Mexican studies. Cultural studies. Mexican art. Viceroyalty.

1 INTRODUCCIÓN

En su voluminoso estudio publicado en 1982, *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*, el poeta y ensayista mexicano Octavio Paz juzgó con extrema dureza la vida y la obra del jesuita Antonio Núñez de Miranda, confesor de Sor Juana. De entrada, mencionaba que “aunque fue profesor de filosofía y teología, Núñez de Miranda no fue

un verdadero intelectual: ni amaba las ideas ni mostró pasión por el conocimiento”. Paz le reprochó que “era un conformista y no podía sino escandalizarse ante las actitudes de Sor Juana, sus poemas, su curiosidad intelectual y su beligerante feminismo”. Mostrando sus fobias, Paz (1985) llega al extremo de comparar a Núñez de Miranda con los “militantes revolucionarios del siglo XX, que buscan ganar adeptos sin pensar mucho en los medios para conseguirlo [...] los militantes revolucionarios y los de la fe, desdeñan en el fondo la libertad y el albedrío de la persona”. Influenciados por Paz, otros autores como Francisco de la Maza (1985) consolidaron el mito, calificando a Núñez de Miranda como un “misógino hasta la exageración y enemigo de la literatura”.

Pero en realidad, ¿quién fue Antonio Núñez de Miranda, a quien Paz acusó de pedirle a sor Juana “que renunciase a las letras”? Sin duda, y en oposición con las opiniones del Nobel de literatura, este religioso fue una de las figuras más prestigiadas en el México del siglo XVII. En principio, y a pesar de sus críticas y diferencias personales, su autodenominada “hija espiritual”, Sor Juana, reconocía que “no ignorando yo la veneración y crédito grande que Vuestra Reverencia, (con mucha razón) tiene con todos, y que le oyen como a un oráculo divino, y aprecian sus palabras como dictadas del Espíritu Santo” (mencionado en Tapia Méndez, 1995). De acuerdo con el primer biógrafo de Núñez de Miranda, el jesuita Juan de Oviedo, “entre los ilustres, y apostólicos varones, con que ha resplandecido desde su primera fundación esta mexicana provincia, se puede con mucha razón contar entre los más principales el venerable padre Antonio Núñez de Miranda”. Nacido en “un Real de minas por nombre el Fresnillo de que fueron descubridores, y primeros pobladores sus padres [...] el año de 1618 a 4 de noviembre”, se formó en el colegio de los jesuitas en Zacatecas (Oviedo, 1702). Posteriormente, cultivó facultades mayores en el Colegio de San Pedro y San Pablo de la ciudad de México, y “desde aquel tiempo se aplicó con empeño al estudio de ambos derechos, en que llegó a la eminencia, y magisterio”. Al término de sus cursos, fue maestro de “letras humanas” en el colegio jesuita de Tepotzotlán (Oviedo, 1702), siendo a la postre admirado como uno “de los primeros hombres de su siglo, tan universalmente docto en toda especie de facultades, y ciencias” (Lazcano, 1760). Era tal su ingenio, reputación, y autoridad que, en las reuniones del Santo Tribunal de la Inquisición, donde fungió como calificador por más de treinta años, “no era menester sino que hablase el padre Antonio para que todos a una boca persuadidos, a que ni había más que decir, ni cosa alguna que adelantar, se conformasen con su dicho, y parecer” (Oviedo, 1702). Pero si Núñez de Miranda fue conocido en su tiempo con el mote de *helluo librorum* (devorador de libros) (Trabulse, 1994), desde hace más de un siglo se le ha desacreditado, y apenas se comienza a reconocer su legado

cultural. A manera de ejemplo, el historiador de la ciencia, Elías Trabulse, admitió que Núñez de Miranda “requiere de una biografía detallada y penetrante”, pues lo valora como autor prolífico, de “inteligencia superior”, cuya “prosa es con frecuencia excelente [...], conocedor de las ciencias sagradas y aun de las profanas” (Trabulse, 1994). Pero antes de continuar, haremos un paréntesis para observar el panorama de las músicas en la Nueva España en la época de nuestro personaje.

2 LAS MÚSICAS EN TIEMPOS DE NÚÑEZ DE MIRANDA

En la Nueva Galicia, tierra natal de Núñez de Miranda, constatamos el uso de instrumentos de viento en el rito eclesiástico gracias al proceso inquisitorial contra el sacristán y dos músicos de la Iglesia Mayor de Zacatecas (Román Gutiérrez, 1993). Fueron acusados los indios tarascos Pedro Elías y Francisco Ramírez, quienes hurtaron libros prohibidos que habían sido confiscados en 1561. Incurrieron en delito por entregar uno de esos ejemplares al librero Gil de Mesa para rescatar una trompeta, que habían dejado empeñada a cambio de dos cuartillas de vino blanco (Fernández del Castillo, 1914). El suceso demuestra los intercambios de ideas y objetos entre las diversas castas en un territorio alejado del centro de poder, así como la participación de trompeteros indígenas en la solemnidad litúrgica, y finalmente la variedad de instrumentos, cuyo inventario quedó asentado en el libro de gobierno de la Parroquia Mayor de Zacatecas entre 1561-1798 (Del Río Hernández, 1994). No había procesión callejera en la que no estuvieran presentes los músicos, que frecuentemente eran los mismos que tocaban dentro de las iglesias. Un testimonio se encuentra en el libro primero de la cofradía del Santo Entierro de Cristo, fechado en 1598, donde se establecieron las ordenanzas para celebrar la procesión del viernes santo: “Y este carro han de tirar dos hombres indios vestidos con sus túnicas negras, y han de ser trompeteros. Las vayan tocando de cuando en cuando triste y dolorosamente” (APZ, 1598). A lo largo del período virreinal, los coloquios en honor de San Hipólito y la fiesta de Corpus fueron celebraciones de gran importancia, y allí la música era imprescindible. Los sonidos armónicos dominaban el espacio público y privado de la Nueva España, se tocaba y se cantaba en templos, palacios, conventos, casonas particulares y en las calles:

En la capital de la Nueva España se conocía muy bien el uso y la función social de la música, se trataba de un lenguaje claramente codificado... la mejor música de la ciudad se hacía en la catedral. También en el teatro había buena música... La Catedral podía incluir chanzonetas y villancicos si se trataba de la fiesta de San Pedro o de la Natividad. Si era época de Corpus, al espacio de la matriz entraban las comedias y las danzas... *para cada momento había una sonoridad y un ritual* que formaban parte del imaginario cultural del sistema imperial español (Turrent, 2013).

Observamos un diálogo entre los estamentos y grupos étnicos, promoviendo el repertorio religioso que se mezclaba con el profano, y evidenciando los vasos comunicantes que propone la teoría de la “circularidad cultural” basada en la existencia de una relación fluida y permanente entre la cultura de las clases privilegiadas y la de las capas bajas de la sociedad (Cantera Montenegro, 2012). En cuanto a los instrumentos musicales preferidos por la Iglesia durante el siglo XVII, su empleo se extendía a todo lo largo de la Nueva España, incluido al actual sudoeste de Estados Unidos. Dichos aparatos productores de sonido comprendían, además del ya mencionado órgano, a las chirimías y bajones, los cuales frecuentemente tocaban al unísono con las voces humanas. Si repasamos la iconografía virreinal encontramos abundancia y diversidad de instrumentos musicales, tanto en fachadas de iglesias, como en retablos y pinturas (Véase Moreno, 1971-1972). A pesar de que Núñez de Miranda sólo cita en su obra a la lira –o los “instrumentos músicos” en general–, prácticamente todas las órdenes religiosas, incluidos los jesuitas, promovieron los instrumentos musicales europeos, mismos que se convirtieron en una herramienta para la conversión de las etnias locales. Sabemos que los indígenas construían excelentes instrumentos musicales, y además existía un comercio de finos artefactos sonoros que se importaban desde Europa (véase Bertrand y Brugarolas, 2020). En el ámbito civil del norte novohispano, lo anterior suponía un gusto por violines, guitarras y arpas, además de otros instrumentos de cuerda y percusión, que principalmente se usaban para acompañar coplas. Incluso la mayoría de los presidios del lejano norte tenían músicos asignados, al menos cornetas y tambores (Koegel, 2009).

Desde la antigüedad, diversos pensadores y artistas le adjudicaban cualidades sagradas a los instrumentos musicales. San Agustín de Hipona, uno de los padres de la Iglesia, identificaba la naturaleza humana y divina de Cristo resucitado con el salterio y la cítara (Robledo Estaire, 2007); mientras que en el México de Núñez de Miranda y sor Juana, un pintor anónimo representó a Cristo niño tocando una cruz como si fuese una guitarra de cinco cuerdas (Véase la portada de Moreno, 1971-1972). En el imaginario colectivo religioso, los instrumentos musicales como el arpa y el laúd se tocan en el cielo para “alegría y júbilo” de los bienaventurados (Huizinga, 1985).

3 LA MÚSICA EN LA OBRA DE SOR JUANA Y NÚÑEZ DE MIRANDA

La investigadora Laura Del Río Masits (2005) refiere testimonios del siglo XVII, que revelan el orden que debería prevalecer en el interior de los conventos. La música era parte importante para acompañar el ritual de profesión de las religiosas en tiempos de Núñez de Miranda, tal como lo resume Asunción Lavrín (1995): “La profesante se ponía

el velo negro que simbolizaba su desposorio con Cristo, recibiendo en señal su anillo y una corona mientras el coro entonaba antifonas. Terminaba el canto cuando el sacerdote la entregaba a la abadesa”. En dicho ritual, figuraba el antiguo himno *Veni Creator*, el cual, siguiendo a Núñez de Miranda, invoca al espíritu santo “como dándole gracias, y pidiéndole su favor, y asistencia”. Al final, la “Novia [...] renuncia a todos los fueros de la tierra [...] y se obliga a vivir a los celestiales [...] como cortesana virgen de sus Angélicos coros” (Núñez de Miranda, 1710). Uno de los más celosos en mantener estas formas rituales fue precisamente Núñez de Miranda, quien esclareció, a través de su adaptación de los *Ejercicios espirituales* de San Ignacio de Loyola, lo que debía ser el oficio divino para las enclaustradas:

Porque debe acordarse, que rezar el Oficio Divino, es hablar con Dios en nombre de la Iglesia Católica sobre el logro de tu Redención, y salvación de las almas: no como una persona particular en negocio privativo sino como una embajadora de toda la Iglesia en el negocio universalísimo y gravísimo de la Redención del mundo (Núñez de Miranda, 1695).

El voluminoso tratado de Núñez de Miranda describe la grandeza de la vida eterna, así como el gozo que espera a los santos por sus buenas obras, y gracias a que “estas se hicieron con el cuerpo y alma mancomunados en el ejercicio de las virtudes a las cuales ayudó también el cuerpo: será también doble y doblada la remuneración de la gloria repartida entre los dos”. Posteriormente, explica que los teólogos distinguen dos glorias en la bienaventuranza: la gloria del alma y la corporal, siendo la segunda llamada de los sentidos, “porque se goza y logra con estos”. Así, en la vida eterna todos nuestros sentidos se deleitarán, y como el caso que nos atañe es el arte de Euterpe, Núñez de Miranda (1695) pregonaba que en el cielo “el oído se recreará con las suavísimas músicas de aquellas capillas angélicas y celestes coros de el rey de la gloria: distribuida en los empíreos salones y beatíficos huertos”. Para lograr entender la “beatífica suavidad del cielo” a la que hace alusión, el jesuita manifiesta que se contaba de un santo monje, que escuchó a un “pajarico” cantar con dulcísima armonía, y permaneció tres horas embelesado con su melodía. Pero cuando el religioso regresó a su monasterio, se dio cuenta que habían transcurrido trescientos años, por lo que nuestro autor se pregunta, si el canto de aquel pajarico divirtió al monje tanto tiempo, “¿Qué arrobos causará en los bienaventurados aquella multitud, variedad y acordada consonancia de sus divinas capillas?” Y su respuesta es que “¡no hay pensamiento que alcance este gozo!” En sus *Ejercicios espirituales* solamente encontramos referencias a la música en su oración para el nono día, pero no discute sobre armonías mundanas, sino exclusivamente de la música que escucharemos en el paraíso. Cuando el autor especificaba los votos que exigen de

los divinos desposorios, destacó la clausura, mediante el que se entregan “todos los entretenimientos sensibles de los cinco sentidos y espectáculos del mundo” (Núñez de Miranda, 1695), y puntualizó que “este voto obliga pena de pecado mortal, y excomunión”, con lo cual concluimos que en esta vida las religiosas deberían abandonar la música y las artes, y la “vista de entretenidos espectáculos”, si deseaban llegar al cielo. Núñez de Miranda (1710) subrayó que “profesar es morir al mundo, y al amor propio, y a todas las cosas creadas”.

No obstante, en otro libro el autor parece moderar su postura. Se trata de la *Cartilla de la doctrina religiosa...* (Núñez de Miranda, 1680), creada para resolver las dudas de las niñas que deseaban entrar al claustro. El texto fue muy bien recibido, como lo demuestran las cuatro ediciones del mismo, en 1680, 1696, 1708, y 1766, aunque sólo aparece el nombre del autor en las reimpressiones del siglo XVIII, en las anteriores se identificaba como “uno de la compañía de Jesús”, tal era la modestia del jesuita. A manera de diálogo entre dos niñas y su confesor, se exponen las dudas en cuanto al comportamiento de las mujeres consagradas, como vemos en estas preguntas relacionadas con los usos de la música profana y el teatro en el interior de los conventos:

Pregunta: Padre, ¿y en oír músicas, ver comedias y bailes deshonestos, hay quebrantos del voto? Respuesta: Deleitándose, señora, en sus obscenidades o deseándolas como dije que *raro contingit*, si señora, pero si es por recreación y cesando el escándalo, es muy probable que no...

Padre, ¿y en quitarse el hábito de las Monjas para hacer alguna comedia u otro festejo así, en una cuelga de una abadesa o en unas carnestolendas, hay materia de pecado? Señora del mismo modo respondo, que si es dentro del convento *recreationes causa*, no hay culpa, pero si es delante de los seglares, hay culpa mortal (Schmidhuber, s/f).¹

Percibimos que la regla tenía flexibilidad “por recreación”, y siempre y cuando no traspasaran los ámbitos del convento y estuviesen ausentes los seglares. Inclusive, Núñez de Miranda recomendaba expresamente a las religiosas “que aprendáis perfectamente música, y si el señor os diere voz, cantéis, y que toquéis todos los géneros de instrumentos que pudieréis, para alabar a Dios en el coro, y servir al convento en su ejercicio” (Núñez de Miranda, 1712). De manera similar, en el mundo terrenal, Núñez de Miranda procuró el fervor de sus congregantes por medio de las fiestas patronales – en donde el arte y ciencia de los sonidos era un elemento fundamental – y si bien no permitió “exceso alguno en los gastos”, sí solicitaba veinte pesos al organizador en turno “para el costo de la música”. Esto se puede notar en la “fiesta de las tres horas”, que tenía lugar el viernes santo: a las dos comenzaba la música, “con tanta variedad de sonoros instrumentos, tanta

¹ Citamos a un tercero porque en la edición de la *Cartilla de la doctrina religiosa...* de 1708, en la biblioteca de la UDLA, no aparecen estas preguntas. Schmidhuber asegura, en comunicación personal, que localizó su ejemplar en la Hispanic Society de Nueva York.

suavidad en las voces, tanta ternura, y afectos en los tonos, y motetes que se cantan [...], que parece un remedo del cielo [...] A las tres se canta con grande solemnidad, pausa, y ternura el miserere” (Oviedo, 1702). Lo anterior demuestra que nuestro religioso no era ajeno a los deleites mundanos, al menos no al placer de la música, siempre y cuando se cantara a Dios. Como señalamos, Núñez de Miranda es recordado principalmente por haber sido el confesor de sor Juana Inés de la Cruz (véase Bravo Arriaga, 2001), y de acuerdo con la *Cartilla de la doctrina religiosa...*, sería motivo de condena la representación pública de tres de las comedias de la monja durante su vida. Pero la Iglesia otorgó a la jerónima privilegios, al contar con el favor de la corte, y ser considerada en su época como una de las mentes más brillantes. Ella tenía una gran afición por el arte de los sonidos armónicos, y de acuerdo con el padre Diego Calleja, desde que llegó al convento de San Jerónimo, le pareció “que las ciencias, que había estudiado, no podían ser de provecho a su religiosa familia, donde se profesa con esmero tan edificativo el arte de la música, para agradecer a sus carísimas hermanas el hospedaje cariñoso, que todas la hicieron, estudió el arte muy de propósito” (Cruz, 1700). Incluso se sabe que escribió un tratado “nuevo, y más fácil” (Cruz, 1700), titulado *El Caracol* (hoy perdido) (Long, 2009), y disfrutaba especialmente del canto de los maitines:

Tomé grande amor al coro, y no había huertas, ni contentos que se comparasen a la recreación que tenía en seguir comunidad sin falta alguna. Los maitines se decían en un oratorio a las doce de la noche, y entonces era el descanso, y alivio de todas mis penas, y de todas mis culpas, porque así que entraba en el me parecía hallarme en el cielo, y entre los coros de los Ángeles, y mientras más largos eran los maitines más me alegraba (Sigüenza y Góngora, 1995).

Si Núñez de Miranda escribía sobre la gloria eterna de la música celestial, Sor Juana apreciaba más los sonidos armónicos y melódicos de este mundo, especialmente “por divertir mis tristezas”, como lo especificó en el romance 21, dedicado “a la excelentísima señora condesa de Paredes, excusándose de enviar un libro de música”:

De la música un cuaderno
pedís, y es cosa precisa
que me haga a mí disonancia
que me pidáis armonías.
...y empecé a hacer un tratado
para ver si reducía
a mayor facilidad
las reglas que andan escritas.
...le intitulé *Caracol*,
porque esa revuelta hacía.
Pero éste está tan informe,
que no sólo es cosa indigna
de vuestras manos, mas juzgo
que aún le desechan las mías.
Por esto no os le remito... (Cruz, 2012).

No se ha encontrado hasta el momento *El caracol*, su búsqueda es el “santo grial” de la musicología mexicana contemporánea. Sin embargo, aunque se llegase a localizar, seguramente no sería muy diferente de otros métodos musicales del siglo XVII: una recopilación de la teoría de su tiempo, pues como la misma Sor Juana admitió, fue escrito “para ver si reducía a mayor facilidad las reglas que andan escritas”. No nos detendremos a comentar su vida y obra, pues han sido estudiadas a fondo, pero debemos aclarar que el tema de la música es el que menos ha sido estudiado, a pesar de que con frecuencia está presente en muchos otros de sus poemas. Sus biógrafos subrayan que ella poseía una colección de instrumentos musicales; que fue maestra de solfeo; e incluso es probable que compusiera obras. Esta carencia de pesquisas en torno a la relación de Sor Juana y la música se debe a variados obstáculos, los cuales resumió el musicólogo español Javier Marín López (2017):

1) La imposibilidad de resumir o definir en pocas palabras la amplitud de significados que algunos de estos términos [musicales] han tenido a lo largo de la historia; 2) la complicación que supone explicar conceptos musicales para un lector no especializado; y 3) el manejo específico y expresivo que Sor Juana hace de estos conceptos, que no solo es musical, sino también poético y metafísico, lo que dificulta el establecimiento de sentidos unívocos.

En todo caso, Octavio Paz (1985) destacó atinadamente el triple interés de Sor Juana en la música: “práctico, teórico y filosófico”, y debemos resaltar que la mencionada carencia de investigaciones ha sido corregida, en cierta medida, por la aparición de un par de libros recientes (véase Ortiz, 2015, y Finley, 2019). Para finalizar este apartado, queremos destacar que la música tenía gran poder para atraer feligreses a los templos, y en el exterior sólo bastaba un instrumento para iniciar la fiesta en cualquier esquina de pueblos o ciudades. Si bien es cierto que la música sirvió para la conversión de los naturales y como estrategia para el intercambio de ideas entre los diversos estratos sociales, en el período novohispano el arte de Euterpe desempeñó los más heterogéneos usos sociales, que cruzaban los límites entre lo sacro y lo profano. El historiador de la cultura, Johan Huizinga (1985), nos recuerda que, hasta bien entrado el siglo XVI, “las melodías profanas podían ser empleadas indiscriminadamente para uso sagrado, y lo sagrado para lo profano [...] había un constante intercambio entre términos religiosos y profanos”.

4 CONCLUSIONES

En este capítulo hemos tratado de aproximarnos a dos de las personalidades más complejas del siglo XVII novohispano, que han estado ligadas, respectivamente, a la

historia de bronce y a la historia negra: la primera respetada, brillante y lúcida, que luchó contra los prejuicios de su época, la monja-poeta, cuya vida y obra ha sido ampliamente estudiada a nivel mundial; la segunda, percibida como oscura y cruel, la del severo jesuita, que se ha creído que “redujo al silencio” a Sor Juana. Como hemos visto, Octavio Paz fue uno de los impulsores de este mito, al presentarnos figuras canónicas, pues no conoció de primera mano los escritos de Núñez de Miranda, y además porque trató de restituir a la jerónima “con el exceso que supone toda mirada al pasado desde un presente” (Sarabia, 2002). No siempre con resultados convincentes, Paz trató de llenar con especulaciones las lagunas históricas que se le presentaron. Referimos que uno de los más afanosos guardianes de las ceremonias conventuales fue Núñez de Miranda, quien se preocupaba por la salvación de su “hija espiritual”, y si solicitaba a Sor Juana que abandonara las diversiones terrenales fue debido a que la monja quebrantaba sus votos como “esposa de Cristo”, convirtiéndose en hereje (Tapia Méndez, 1995). Por ello, para tratar de alcanzar su “perfección”, Núñez de Miranda afirmaba que era necesario “mortificarla, para que no se mortifique mucho, yéndola a la mano de sus penitencias, por que no pierda la salud... por que Juana Ynes no corre en la virtud, sino vuela” (Cruz, 1700). Empero, debemos recordar que Núñez de Miranda fue un personaje de su tiempo, y por lo tanto pesaba sobre él una enorme influencia de la religión y el dogma de la salvación. Estamos al tanto de que la celda de Sor Juana en el convento de San Jerónimo alojaba unos cinco mil libros, aparatos científicos e instrumentos musicales, y contaba con una cocina propia, donde su esclava preparaba dulces y chocolates, “que luego compartía con sus distinguidos amigos en el locutorio” (Fernández, 2014). Pero la religiosa no tomó el voto de clausura para escribir versos, charlar, y tomar chocolate: por medio de la profesión, ella debía renunciar “a todos los fueros de la tierra”, y morir al mundo, “y al amor propio, y a todas las cosas creadas” (Núñez de Miranda, 1710). Así, advertimos que no acataba los juramentos de humildad, pobreza, castidad y obediencia, que Núñez de Miranda predicaba en sus escritos y con su vida: “la modestia en el traje, pobreza en el uso, templanza en la comida, retiro de todo trato, dependencia, y conversación humana, penitencia competente, guarda de sentidos; especialmente ojos, oídos y lengua” (Núñez de Miranda, 1680). A pesar del “rigor” que se le atribuye desde la óptica moderna, el jesuita toleró por años las lecturas y tertulias de Sor Juana, y la leyenda negra, que se fue consolidando a lo largo del siglo XX, aseguraba que las autoridades eclesiásticas pusieron fin a esta situación, sancionando a la monja y a su confesor. Con todo, no debemos caer en el error, desde la visión de algunas lecturas de género, de considerar a Sor Juana como una “transgresora”, toda vez que, en sociedades con una cultura religiosa tan profunda como lo fue la del México del siglo

XVII, las esferas del pensamiento religioso y profano se confundían en la vida cotidiana: “los excesos y abusos resultantes de una extrema familiaridad con las cosas santas, así como la insolente mezcla del placer con la religión, son características de los períodos de fe inquebrantable” (Huizinga, 1985). Tampoco podemos culpar a Octavio Paz, ni a los escritores que arraigaron el lucrativo mito victimizante de la censura hacia Sor Juana por parte de los “intolerantes eclesiásticos de la época” (Schons, 1991. Este artículo fue publicado originalmente en 1926, por lo que Paz no fue el iniciador de la leyenda negra), pues no conocieron directamente los libros de Núñez de Miranda, ni los manuscritos que han salido a la luz recientemente, como las cartas que Jesús Peña Espinosa halló en la Biblioteca Palafoxiana de Puebla, donde consta la “amorosa solicitud con que don Manuel [Fernández de Santa Cruz, obispo de Puebla] buscó el perfeccionamiento espiritual de la madre Juana” (Soriano Vallès, 2014). Tampoco es posible tachar de “misógino hasta la exageración” a Núñez de Miranda: su pluma sólo corrobora su desapego al mundo material, y la benevolencia y entrega a las monjas, a las que dedicó la mayor parte de sus obras: “O queridas prendas mías... creedme vosotras, queridas hijas mías, como a padre, únicamente deseoso de nutrirnos, en el más substancial alimento de las más verdaderas virtudes” (Núñez de Miranda, 1712). De lo que sí podemos responsabilizar a Paz es el afán por imponer la mirada del presente sobre los hechos del pasado, hablando, por ejemplo, del “beligerante feminismo” de sor Juana, quién vivió siglos antes de que existiera cualquier movimiento feminista. Las almas de Núñez de Miranda y Sor Juana se unieron por la relación del confesor con su “hija espiritual”, aunque ambas personalidades tuvieron desavenencias, las cuales se manifestaron en la música: si el jesuita intentaba evadir los placeres terrenales que nos llegan por medio del oído, la monja consentía gustosa las tentaciones de Euterpe, cantando en el coro, disfrutando su colección de instrumentos musicales, teorizando sobre la ciencia de los sonidos, y componiendo versos para que fuesen musicalizados. A pesar de sus diferencias, ¿Acaso la música pudo ser mediadora de sus relaciones y conflictos interpersonales? Basado en los escritos relativos a la música de ambos personajes, y tomando en cuenta la cercanía entre música profana y religiosa, nos inclinamos a creer que sí, pues en esencia compartían muchas ideas, sentimientos y símbolos propios de su cultura, y no es difícil imaginarlos conversando por horas sobre el tema. Pero no sólo la música fue motivo de afinidad, si Núñez de Miranda era respetado por su encumbrada posición como calificador del Santo oficio, en todo caso fue *primus inter pares*, puesto que él y sor Juana gozaron del amparo de los poderes civiles y eclesiásticos, ocupando el lugar más alto de la elite cultural, científica y religiosa de la sociedad de su tiempo. Y si sus destinos se unieron en vida, también fueron cercanos en la muerte: Antonio Núñez de Miranda falleció por las

complicaciones de una operación de cataratas el 17 de febrero de 1695, mientras que Sor Juana Inés de la Cruz expiró a consecuencia de una epidemia, justo dos meses después, el 17 de abril (Paz, 1985). La existencia de Antonio Núñez de Miranda abarcó casi todo el siglo XVII, centuria que frecuentemente es menospreciada por algunos historiadores, y que sin embargo se considera por Elías Trabulse como el período de formación de la ciencia moderna en México. Gracias a Trabulse, sabemos que nuestro jesuita sintió el deber de informar al tribunal del santo oficio que poseía libros prohibidos (Trabulse, 1994), siendo claro que no fue “enemigo de la literatura”, sino que estaba interesado en las ideas científicas y culturales de su modernidad. El siglo XVII fue además un tiempo de afirmación de la identidad novohispana a través de las artes, por lo que tenemos una deuda por conocer más a fondo el paisaje sonoro, público y privado, de dicha centuria. A pesar de las prohibiciones del tribunal del Santo oficio, la música, y su “poder para dar forma al rito, ritual y espectáculo”, cobró significado en manos de las comunidades del campo y las ciudades –la misma Sor Juana escribió versos “populares”–, surgiendo cada vez con mayor visibilidad, para convertirse en un medio generador de acción social, identidad y resistencia en aquella heterogénea sociedad novohispana.

ARCHIVOS

Archivo Parroquial de Zacatecas (APZ). (1598). Área Disciplinar, Fondo Cofradías, Sto. Entierro de Jesucristo, libros y actas, C., 142, L. 3/9, exp.1, fj.203.

BIBLIOGRAFÍA

Bertrand, L. y Brugarolas, O. (2020). Música para el Nuevo Mundo: la circulación de cuerdas e instrumentos musicales entre Barcelona y Veracruz (1778-1821), en J. Marín-López (Ed.), *De Nueva España a México. El universo musical mexicano entre centenarios (1517-1917)* (pp. 461-480). Universidad Internacional de Andalucía.

Bravo Arriaga, D. (2001). *El discurso de la espiritualidad dirigida, Antonio Núñez de Miranda, confesor de Sor Juana*. UNAM.

Cantera Montenegro, E. (2012). *Tendencias historiográficas actuales, historia medieval, moderna y contemporánea*. Editorial Universitaria Ramón Areces.

Cruz, Sor J. I. de la. (1700). *Fama y obras póstumas del fénix de México, décima musa, poetisa americana, Sor Juana Inés de la Cruz...* edición de Juan Ignacio de Castorena y Ursúa. Manuel Ruiz de Murga.

-----(2012). *Obras completas, I. Lírica personal*. FCE.

Del Río Hernández, L. (1994). *Una aproximación a la música y la religiosidad en el Zacatecas Colonial* [Tesis de maestría, Universidad Autónoma de Zacatecas].

Del Rio Masits, L. E. (2005). *La Religiosa como arquetipo ideal convento de Jesús María siglo XVII* [Tesis de maestría, Universidad Iberoamericana].

- Fernández, M. (2014). De puertas adentro: la casa habitación. En A. Rubial García (Coord.), *Historia de la vida cotidiana en México, vol. II, La ciudad barroca* (pp. 47-80). FCE.
- Fernández del Castillo, F. (1914). *Libros y libreros en el siglo XVI*. Archivo General de la Nación.
- Finley, S. (2019). *Hearing Voices: Auralty and New Spanish Sound Culture in Sor Juana Inés de la Cruz*. University of Nebraska Press.
- Huizinga, J. (1985). *The Waning of the Middle Ages*. Penguin Books.
- Koegel, J. (2009). Musical Instruments in Mission, Presidio, and Pueblo. *Diagonal, Journal for the Center of Iberian and Latin American Music*, 1-19.
- Lavrín, A. (1995). Vida conventual: rasgos históricos. En S. Poot-Herrera (Coord.), *Sor Juana y su mundo. Una mirada actual* (pp. 33-91). Universidad del Claustro de Sor Juana/Gobierno del Estado de Puebla/FCE).
- Lazcano, F. X. (1760). *Vida exemplar y virtudes heroicas, del venerable padre Juan Antonio de Oviedo de la Compañía de Jesus*. Imprenta del Real, y más antiguo Colegio de S. Ildefonso.
- Long, P. H. (2009). *Sor Juana/Música, How the décima musa composed, practiced, and imagined music*. Peter Lang Publishing.
- Maza, F. de la. (1985). *La ciudad de México en el siglo XVII*. FCE.
- Marín López, J. (2017). Acotaciones musicológicas a cuatro textos de Sor Juana Inés de la Cruz. En Lucero Enríquez (Ed.), *De música y cultura en la Nueva España y el México Independiente: testimonios de innovación y pervivencia* (Vol. II, pp. 55-83). UNAM.
- Moreno, S. (1971-1972). La imagen de la música en México. *Artes de México*, 148, año XVIII.
- Núñez de Miranda, A. (1680). *Cartilla de la doctrina religiosa, dispuesta por uno de la compañía de jesus: para dos niñas, hijas espirituales suyas, que se crían para Monjas, y desean serlo con toda perfeccion, Sâcala à luz, en obsequio de las llamadas à Religion, y para alivio de las Maestras, que las instruyen, el Licdo. Francisco de Salzedo, primer Capellan de las Señoras Religiosas de Santa Theresa, en su Convento de San Joseph de esta Corte, y Prefecto de la Purissima, Dedicada à las Mismas dos Niñas para cuyo provecho, y direccion principalmente dispusò. Viuda de Bernardo Calderón.*
- (1695). *Ejercicios Espirituales de San Ignacio, acomodados a el Estado, y Profession religiosa, de las señoras virgenes esposas de Christo, Instruido con un diario breve, pero suficiente, de todos los ejercicios cotidianos para que empiezen a exercitar, dispuesto por el P. Prefecto de la Congregacion de la Purissima fundada con autoridad apostolica en el colegio maximo de San Pedro, y San Pablo de la Compañía de Jesus de esta Corte, Dedicados à las misma señoras religiosas virgenes, esposas de Christo. Herederos de la Viuda de Bernardo Calderón.*
- (1710). *Platica doctrinal, que hizo el padre Antonio Nuñes, de la Compañía de Jesús: Rector del Colegio Maximo de S. Pedro, y S. Pablo; Qualificador del Santo Officio de la Inquificion, de ehta Nueva Epaña, y Prefecto de la Purissima. En la prof[e]jion de una señora religio[sa] del Convento de S. Lorenço. Viuda de Bernardo Calderón.*
- (1712). *Distribución de las obras ordinarias, y extraordinarias del día, para hacerlas perfectamente, conforme al estado de las señoras religiosas. Instruidas con doce máximas substanciales, para la vida regular, y espiritual, que deben seguir. Viuda de Miguel de Rivera Calderón.*

- Ortiz, M. A. (2015). *La musa y la melopea: la música en el mundo conventual, la vida y el pensamiento de Sor Juana Inés de la Cruz*. Universidad del Claustro de sor Juana.
- Oviedo, J. de. (1702). *Vida exemplar, heroicas virtudes, y apostolicos ministerios de el V. P. Antonio Nuñez de Miranda de la Compañia de Jesus*. Herederos de la viuda de Francisco Rodriguez Lupercio.
- Paz, O. (1985). *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*. Editorial Seix Barrial.
- Robledo Estaire, L. (2007). El cuerpo y la cruz como instrumentos musicales: iconografía y literatura a la sombra de san Agustín. *Studia Aurea. Revista de Literatura Española y Teoría Literaria del Renacimiento y Siglo de Oro*, 1, 1-27.
- Román Gutiérrez, J. F. (1993). *Sociedad y evangelización en Nueva Galicia durante el siglo XVI*. El Colegio de Jalisco.
- Sarabia, R. (2002). Sor Juana o Las Trampas de la Restitución. *Revista canadiense de estudios hispánicos*, 27 (1), 119-138.
- Schmidhuber de la Mora, G. s/f. *Sexteto Biográfico*. Proasuaje.
- Schons, D. (1991). Some obscure points in the life of Sor Juana Inés de la Cruz. En Stephanie Merrim (Ed.), *Feminist perspectives on Sor Juana Ines de la Cruz* (pp. 38-59). Wayne State University Press.
- Sigüenza y Góngora, C. de. (1995). *Parayso Occidental, plantado, y cultivado por la liberal benefica mano de los muy catholicos, y poderosos Reyes de España Nuestros Señores en su magnifico Real Convento de Jesus Maria, facsimile de la primera edición 1648*. UNAM/Conдумex.
- Soriano Vallès, A. (2014). *Sor Filotea y sor Juana. Cartas del obispo de Puebla a sor Juana Inés de la Cruz*. Secretaría de Educación del Gobierno del Estado de México.
- Tapia Méndez, A. (1995). Autodefensa espiritual de Sor Juana Inés de la Cruz, Décima Musa Mexicana. *La Colmena*, 5, 4-13.
- Trabulse, E. (1994). *Los orígenes de la ciencia moderna en México (1630-1680)*. FCE.
- Turrent, L. (2013). *Rito, música y poder en la Catedral Metropolitana México, 1790-1810*. FCE.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, VI) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial

Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas Nativas Sem Ferrão 313, 323
Aesthetics 82, 88, 92
Antropoceno 313, 314, 315, 316, 317, 318, 327, 329, 331, 332
Arqueología y antropología social 18
Arte mexicano 115
Aspirantes 170, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182
Atlas 82, 84, 89, 92, 93, 248
Atmosphere 81, 82, 84, 88, 90, 91
Aula Inclusiva 37
Autodidactismo 107
Auto-eco-compatibilização 128, 130, 139, 141
Autonomia da criança 71, 76, 78
Ayahuasca 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

C

Canudos 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248
Casinos 285, 286, 287, 288, 291, 292, 293, 295, 296, 297, 298, 299, 300
CENEVAL 172, 175, 176, 177, 181, 182
Cidadania 53, 128, 146
Ciência 13, 14, 16, 17, 33, 50, 76, 77, 94, 117, 120, 124, 125, 127, 134, 138, 140, 156, 157, 158, 159, 184, 185, 220, 321, 331
Co-enseñanza 37, 41, 45, 46
Competencias 52, 55, 58, 59, 60, 64, 65, 67, 69, 70, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 113, 114, 134, 140, 148, 150, 153, 162, 164, 173, 175, 176
Comunidad 8, 10, 33, 34, 35, 41, 67, 69, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 121, 165, 167, 170, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284
Condiciones laborales 1, 2, 5
Conjugalidade 216, 219
Constituição Brasileira 48, 309
Construtivismo crítico 142, 143, 144, 148, 150, 152
Convivencia 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 161, 276, 278, 313, 314, 323

D

Deficiências acadêmicas 172, 176, 182
Democratização da Educação 48
Design 60, 70, 81, 82, 83, 85, 92, 94, 128, 129, 130, 131, 134, 136, 138, 151, 187
Desigualdades de gênero 197, 213
Devoção 249, 251, 253, 254, 255, 256, 260, 262, 264, 270
Diário 42, 126, 140, 237, 248, 275, 276, 279, 282, 283, 284, 287, 300
Divisão sexual do trabalho 197, 200, 201, 203, 205, 212, 213, 215
Docência superior 197, 198, 202
Docente de educación indígena 1

E

Educação 13, 17, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 128, 129, 131, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 197, 198, 210, 215, 228, 235, 303, 313, 314, 316, 317, 318, 319, 324, 325, 326, 328, 329, 330
Educação a Distância 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59
Educação estética visual para todos 128
Educação para a saúde 142, 146, 147, 148, 150
Emotions 81, 82, 84, 86, 88, 92
Ensino na educação infantil 71
Espacio biográfico 1, 11
Estudios culturales 115
Estudios Novohispanos 115
Estudos multiespécies 313, 316, 317, 319, 324, 328, 329, 330
Ética ambiental 301, 310
Exhibition spaces 81, 82, 92
Experiência 4, 7, 8, 10, 30, 36, 45, 46, 52, 58, 64, 72, 74, 75, 79, 94, 106, 112, 142, 143, 149, 151, 200, 203, 204, 206, 207, 209, 213, 214, 229, 238, 242, 287, 313, 316, 317, 318, 325, 326, 330
Exploratório de educação artística 128, 132

F

Feminismo 116, 124, 200, 215, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235
Feminismo negro 228, 231, 233
Flexible 45, 161, 162, 165, 166, 167, 170

Formação pedagógica 71

Formación 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 46, 47, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 125, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 185, 280

Formación docente inicial 31

Formal media 184

G

Gênero 11, 15, 16, 64, 123, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 223, 224, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 285, 295

Grupo focal 1, 2, 3, 4, 6

H

Historia 5, 6, 8, 18, 20, 21, 22, 25, 61, 115, 122, 123, 125, 126, 161, 279, 284

História 5, 52, 58, 74, 75, 134, 136, 140, 141, 197, 198, 200, 204, 215, 217, 218, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 232, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 248, 273, 274, 315, 318, 325, 330

Historia de la música 115

I

Imagem 136, 138, 139, 220, 224, 249, 257, 262, 263, 264, 265, 266, 268

Imaginário criativo 128

Indígena 1, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 154, 231

Ingeniería 24, 32, 47, 105, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Innovación 60, 61, 62, 63, 65, 69, 70, 107, 126, 162, 165

Inovação pedagógica 142, 143, 144, 145, 146, 151

Integral 29, 51, 52, 94, 95, 97, 104, 128, 129, 141, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 186, 208, 209, 210, 230, 239, 300

J

Justiça ambiental 301

L

Liturgia 249

M

Matemática educativa 31, 33, 36

Memory of places 81, 82, 84, 90
Modelización matemática 30, 31, 33, 35, 36
Modelo educativo 161, 165, 166, 167, 169, 170, 171

N

Noticias 275, 279, 281, 282, 283

P

Papéis de género 208, 209, 216, 223
Património cultural artístico 128, 134, 136
Paz 26, 27, 80, 94, 96, 97, 106, 115, 116, 122, 123, 124, 125, 127, 238
Personagens femininas 216
Perturbações psicossociais 216
Planeación prospectiva 107, 112, 114
Plantas professoras 154
Pós-colonialidade 13
Post-Conflicto 94
Promoção da saúde 142, 146, 147, 148, 151, 152
Promoción y publicidad 285, 286, 287, 288, 292
Prospectiva 60, 61, 62, 107, 112, 114

R

Raça 218, 221, 228, 232, 235, 310, 311
Recorrido de Estudio e Investigación 37, 38, 47
Reforma 9, 161, 164, 241, 285, 286, 298, 304
Reimaginación 60
Revista 12, 17, 36, 46, 47, 58, 59, 114, 127, 151, 152, 159, 197, 200, 215, 235, 236, 274, 275, 282, 291, 299, 300, 330, 331, 332

S

Saberes outros 154, 159
Science/scientist 184
Simulação em enfermagem 142
Social representations 184, 185, 186, 191, 192, 193, 195, 196
Sociedad 9, 22, 33, 36, 39, 47, 94, 96, 97, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 124, 125, 127, 161, 162, 172, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 285, 288, 298, 299

Sociedad del conocimiento 107, 114
Socioepistemología 30, 31, 32, 33, 34, 35
Sociologia 12, 17, 33, 197, 215, 223, 236, 237, 248, 275, 284, 299
Sor Juana Inés de la Cruz 115, 121, 125, 126, 127
Sustentabilidade 59, 301, 303, 305, 307, 310, 311, 312

T

TecNM 172
Tecnologia 40, 48, 52, 53, 56, 62, 64, 65, 66, 94, 103, 109, 215, 292, 306, 309, 331
Teoría Antropológica de lo Didáctico 37, 38, 40, 46, 47
Teoria de Estado 236, 246
Transformação Social 48
Transformación 5, 60, 61, 62, 64, 99, 110, 161, 163, 165, 169

U

University students 184, 195, 196

V

Via Crucis 249, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 264, 269, 270, 273
Violência 95, 97, 98, 157, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 285
Virreinato 115